



Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Distrito Federal
Secretaria Executiva
Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

ATA - SEMA/GAB/SECEX/CPCIF

O Fórum do Sistema Distrital de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais - SDPCI 2024 foi realizado no dia **28 de novembro de 2024, das 08h00 às 17h30** na Escola de Governo do Distrito Federal, um espaço aberto à comunidade e instituições afetas à questão, com a finalidade de debater o tema de prevenção e combate aos incêndios florestais, cujas conclusões servirão de subsídios à elaboração do programa de trabalho para o ano subsequente, conforme o art. 19 do **DECRETO Nº 37.549, DE 15 DE AGOSTO DE 2016**. O trabalho em conjunto e a integração entre os diversos órgãos e brigadistas florestais é fundamental para o sucesso das operações, especialmente quando se trata de combater incêndios florestais e preservar as áreas das unidades de conservação. O Fórum foi uma oportunidade de abordar questões como a qualificação dos brigadistas, a importância do georreferenciamento das áreas afetadas e a necessidade de uma maior integração entre os diferentes setores que atuam na prevenção e combate. O ano de 2025 traz novos desafios, mas também muitas oportunidades de aprimoramento. O objetivo é fortalecer a capacidade de resposta, melhorar a logística de atuação entre os órgãos e garantir que as ações de prevenção sejam realizadas com mais eficácia. O Fórum foi uma oportunidade de escutar as demandas e sugestões de todos os envolvidos, para que possam construir soluções concretas que atendam às necessidades de cada área e região do DF. Com isso, é esperado estabelecer um plano de ação mais integrado, eficiente e alinhado com as necessidades de combate e prevenção, garantindo a proteção das nossas Unidades de Conservação, áreas florestais e a segurança das comunidades. Foi de grande importância a participação e a colaboração de todos que estiveram presentes. As discussões e os encaminhamentos, certamente tornarão 2025 um ano de avanços significativos nas estratégias de prevenção e combate aos incêndios florestais. Abertura Oficial - 09h00 recepção e credenciamento dos participantes; - 09h30, composição da mesa de abertura com participação dos órgãos: Secretaria de Estado do Meio Ambiente - SEMA-DF, Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal - CBMDF, Jardim Botânico de Brasília - JBB, Instituto Brasília Ambiental - IBRAM, Subsecretaria de Estado de Proteção e Defesa Civil da Secretaria de Estado de Segurança Pública do Distrito Federal - DEFESA CIVIL e Polícia Militar do Distrito Federal - PMDF. Introdução sobre o Fórum, SPDCIF/PPCIF e Vídeo Educacional - Parque Educador Digital Às 10h00, uma breve introdução sobre o Fórum foi apresentada pela Coordenadora de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais - Carolina Schubart, e foi apresentado em seguida, o vídeo educacional produzido através do programa Parque Educador, com a temática de incêndios florestais, cujo responsável pela produção dos vídeos do programa foi o Chefe da Assessoria de Educação Ambiental e Cidadania - Hugo de Carvalho Sobrinho. Apresentação dos relatórios sobre os registros e ocorrências de incêndios, atividades preventivas e de combate desenvolvidas em 2024 Às 10h30 foram apresentados pelos técnicos representantes do CBMDF, Instituto Brasília Ambiental, JBB e SEMA os relatórios sobre os registros de ocorrência de incêndios, atividades e dados de prevenção e combate aos incêndios florestais por meio de palestras com apresentação de slides. Relatórios apresentados CBMDF: O CBMDF apresentou o Relatório do Plano de Operação do Período Verde Vivo 2024. Que continha as 5 Fases da Operação com as datas do início ao fim: Fase I - Preparação e Prevenção (01/04 a 15/05), Fase II - Combate Inicial (16/05 a 15/06), Fase III - Combate Intermediário (16/06 a 31/07), Fase IV - Combate Avançado (01/08 a 31/08) e Fase V - Combate Crítico (01/09 a 31/10). Continha ainda os dados e estatísticas das ações preventivas, quantitativo de ocorrências, área queimada, uso de aeronaves, viaturas, materiais e combate, cotas de GSV, cancelamento de cotas e dados meteorológicos. Por fim, o relatório apresentado trouxe a relação entre dados meteorológicos e incêndios florestais, bem como incêndios florestais periciados, as ocorrências de destaque que ocorreram no ano e o feedback de 2024 e recomendações para 2025. Além do Relatório do Plano de Operação do Período Verde Vivo 2024, o CBMDF realizou uma apresentação detalhada em formato powerpoint de slides com

imagens, dados em tabelas, gráficos e mapas legendados que trouxeram mais clareza à apresentação da Operação do Período Verde Vivo 2024. Instituto Brasília Ambiental: A Diretoria de Manejo Integrado do Fogo – DPCIF/SUCON/Brasília Ambiental apresentou o Relatório contendo os resultados do monitoramento das Unidades de Conservação feito através dos sensores remotos, utilizados no programa PROMAQ. O Brasília Ambiental informou em seu relatório que em 2024 foram monitorados incêndios florestais em 58 Parques e Unidades de Conservação, e que as áreas queimadas nessas Unidades de Conservação foram de 2.754,49 ha. O número de Registro de Incêndios Florestais (RIF) foi de 583 incêndios florestais. O relatório detalhou que foram desenvolvidas ferramentas tecnológicas que auxiliam no manejo integrado do fogo, como Diário de Brigada, Painel de Monitoramento de Registro do PROMAQ - Para realizar o Monitoramento das Áreas Queimadas nas Unidades de Conservação e o Registro de Incêndios Florestais. O Brasília Ambiental pontuou que tem o seu banco de dados alimentado periodicamente pelo Observatório da Natureza e Desempenho Ambiental do Distrito Federal - ONDA-DF. O relatório apresentou mapas, gráficos e imagens do PROMAQ. JBB - O Jardim Botânico de Brasília apresentou o Relatório de Ações 2024. Nele continha dados de Área de Visitação: 500 hectares, neste espaço cont m jardins temáticos, cole es de plantas e diversas trilhas. Continha também dados de área da EEJBB: 4500 hectares, em toda a Esta o cont m a Unidade de Conserva o de prote o integral. Em todo o relatório havia dados de quantidade de espécies de plantas, animais e nascentes mapeadas, além de todas as a es preventivas e reativas realizadas durante o ano de 2024 de forma detalhada, com diversas imagens de satélite, com mapas legendados, gráficos e fotos. SEMA-DF - A Secretaria de Estado do Meio Ambiente do DF, apresentou um relatório interativo e esclarecido detalhando as a es e entregas realizadas em 2024 previstas no Plano de Preven o e Combate aos Incêndios Florestais (PPCIF).

PLENÁRIA COM O FÓRUM ABERTO   COMUNIDADE E INSTITUI OES SOBRE OS INCÊNDIOS FLORESTAIS NO DF - TARDE Queiroz (Brigadista Voluntário Guardi es da Cafuringa e Brigadista do IBAMA): Relatou que o maior problema em rela o aos dados de investimento em EPI's são os equipamentos de má qualidade.   cansativo ouvir promessas sobre os investimentos em EPI's, como os de 380 mil reais, mas, ao assinar o contrato, não recebemos os EPI's completos para ir a campo. Qual será o método adotado para que, em 2025, esses gargalos não aconteçam novamente, como a falta de coturnos adequados para enfrentar o fogo, a falta de calças adequadas ou a falta de equipamentos necessários? Acredito que a soluço deve ser olhar mais para nós, brigadistas florestais, pois, apesar de todo o discurso e da história bonita, muitos de nós estamos cansados de enfrentar essa falta de recursos todos os anos. Nos esforçamos, saímos de nossas casas para combater o fogo e ajudar, mas ficamos sem os EPI's de qualidade necessários. Isso   complicado e, a cada contrato, a situa o se repete. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordena o de Preven o e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Agradeceu a parceria da brigada voluntária e reforçou a importante contribui o do seu questionamento.   fundamental que a gente tenha esse tipo de reflexão, informando ainda que a referida plenária estava sendo gravada, justamente para que todos os dados e sugestões pudessem ser validados, e, assim, finalizar um relatório deste fórum, que será disponibilizado no site da SEMA. Concordo com sua coloca o. Muitos de vocês me conhecem, têm meu contato e sabem que, tanto pela Secretaria de Meio Ambiente quanto por mim pessoalmente, eu me esforço muito na questão dos EPI's. Quando não temos o equipamento necessário, eu vou diretamente   SUAG do Instituto Brasília Ambiental e falo com Ricardo Roriz para que possamos providenciar o que for preciso. Infelizmente, não somos nós que realizamos a compra direta dos EPI's. No entanto, já corri atrás "por fora", como se diz, para conseguir EPI's de qualidade, para garantir que vocês possam combater de forma segura. Em rela o às lanternas para o combate noturno, se havia falta ou problemas com elas, também busquei solu es para fornecer o mínimo de segurança, que   o básico para cada um de vocês. Dado o valor da sua coloca o, vou passar a palavra ao representante do Instituto Brasília Ambiental, que   o órgão executor da Secretaria de Meio Ambiente, responsável pela gestão pública dessas a es, para que ele possa dar continuidade   resposta.  risom Vieira Cassimiro - (Diretor da Diretoria de Preven o e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Queiroz, sua coloca o   realmente pertinente e acredito que reflita a preocupa o de muitos outros brigadistas.   uma preocupa o nossa também enquanto institui o. Concordo plenamente com o que você disse e posso garantir que compartilhamos da mesma preocupa o. Por exemplo, um brigadista equipado por dois anos custa cerca de R\$4.800 a R\$5.000 em equipamentos de qualidade razoável. Então, se investimos R\$5.000 para um brigadista que ficará apenas 3, 4 ou 6 meses, como ocorre com o nosso contrato, estamos gastando muito dinheiro por um período curto. Com contratos mais longos, conseguimos reduzir esse custo, pois, ao investir mais, podemos adquirir equipamentos melhores e manter os brigadistas por um tempo maior. Quero que fiquem tranquilos, pois estamos sempre

buscando, dentro das possibilidades, o melhor para todos. Temos plena consciência disso e procuramos sempre garantir a melhor qualidade dentro das condições que temos. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Vou passar a palavra agora para o capitão Ítalo do Corpo de Bombeiros, que também tem uma consideração importante sobre a questão dos EPIs. Capitão Ítalo Sanglard - (Sub Comandante do GPRAM e representante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal no SDPCIF): Este ano conseguimos adquirir novamente os EPIs para o Corpo de Bombeiros. Ainda estamos no processo de distribuição, que envolve toda a parte de licitação, que é um procedimento complicado devido à burocracia. Essa burocracia, infelizmente, muitas vezes afasta a especificação técnica adequada. O que eu passei para a Carol foi que, se for de interesse, com suas especificidades, o GPRAM está à disposição para fornecer a especificação técnica, que é um estudo extenso, com cerca de 120 páginas, justificando a necessidade de se ter um olhar atento em relação às matérias-primas dos EPIs, aos critérios de segurança e a toda a burocracia exigida pelos órgãos de controle. Se alguém tiver interesse, o GPRAM pode fornecer essas informações. Eu entendo que o Instituto Brasília Ambiental e o Ibama têm seus próprios processos licitatórios, mas o GPRAM está aberto a compartilhar esse tipo de documentação entre as instituições. Rosiele (Brigadista Voluntário Guardiões da Cafuringa e Brigadista do IBRAM): Este ano tive a oportunidade de ficar no Parque Veredinha, o que me permitiu conhecer e atuar nesse parque, onde há uma grande presença de arbustos e espécies invasoras. Gostaria de saber se há algum projeto ou plano voltado para o manejo dessas espécies invasoras. Além disso, o Parque Veredinha é uma área rica em nascentes e com abundância de água. Existe algum plano de reflorestamento ou restauração para as áreas que foram queimadas? Há algum projeto em andamento nesse sentido? Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Temos vários projetos voltados para a recuperação de áreas degradadas, incluindo na Flona, na Esfera Federal. Realizamos um trabalho de dispersão de sementes na Flona, com o acompanhamento de pesquisadores. Contamos com o apoio da UNB e diversos pesquisadores, como a professora Isabel Smith, que trabalha com manejo de áreas degradadas, abordando questões como quais espécies podem ser plantadas após um incêndio, já que nem todas as espécies são adequadas, e qual o espaçamento ideal entre as plantas durante o plantio. Esse trabalho não é realizado em todos os parques, pois cada Unidade de Conservação tem sua própria jurisdição. Na Esfera Federal, a Flona desenvolve esse trabalho em parceria com os pesquisadores, e o Parque Nacional também realiza ações semelhantes. Agora, passarei a palavra para os representantes do Jardim Botânico e do IBRAM, Diego e Érisom, para que possam compartilhar informações sobre suas unidades. Diego Miranda (Gerente - JBB): Nos últimos anos, não enfrentamos incêndios de grande proporção, mas ainda assim temos uma problemática a ser tratada. Anteriormente, acreditava-se que o plantio de espécies exóticas seria benéfico, especialmente porque o cerrado não apresentava a mesma beleza e exuberância. Essa era a visão das políticas anteriores. Atualmente, com a gestão de conservação que temos, enfrentamos a questão das plantações de pinos. Em relação a isso, temos um projeto de Gestão de Risco, que envolve a retirada dessas espécies invasoras e, conseqüentemente, a elaboração de um plano de recuperação de áreas degradadas, com o plantio de espécies nativas. Quero destacar que a recuperação do Cerrado não se limita ao plantio de árvores. Grande parte do Cerrado é formado por gramíneas e arbustos, com ou sem arbustos. Muito se fala sobre o plantio de mudas, mas é importante lembrar que o Cerrado possui diversas fisionomias de plantas, não se restringindo apenas às árvores. Por isso, é interessante considerar também a recuperação com o uso de gramíneas e arbustos, além da política de remoção das espécies invasoras, para restaurar a área e garantir um ambiente com a presença de espécies nativas. Érisom Vieira Cassimiro - (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Existe, sim, uma programação para a área, e a responsabilidade pela gestão das unidades de conservação é da Superintendência de Unidades de Conservação de Biodiversidade e Água, cuja superintendente, Marcela, esteve aqui pela manhã. A nossa diretoria faz parte dessa superintendência. Existe um plano chamado Plano de Manejo das Unidades de Conservação, que já inclui a recuperação de áreas degradadas, seja por solo retirado ou outras questões. Vale ressaltar que o cerrado tem uma capacidade de regeneração muito grande, e, muitas vezes, é mais eficaz deixar a natureza se recuperar sozinha do que intervir diretamente. Contudo, não sou o especialista para abordar esse tema. Existe uma diretoria responsável pelo plano de manejo, que é elaborado em conjunto com a comunidade científica e com as comunidades vizinhas ao parque. São realizadas audiências públicas, nas quais ocorre o debate, e, a partir dessas discussões, é formado o plano de manejo, que orienta as operações na área. Pietro - (Secretaria de Meio Ambiente - Engenheiro Florestal): Já discutimos três pautas: incêndios, educação ambiental e plantio. Esta última foi a primeira que assumi ao começar a trabalhar na SEMA, com a desobstrução da orla do Lago Paranoá em

2019. Começamos a plantar para recuperar aquela região, que anteriormente era habitada, mas não deveria ser. Houve o projeto CITInova, um recurso internacional utilizado para alguns plantios. A ideia era criar plantios piloto, mas que também serviriam como padrão para a recuperação de áreas degradadas. Em Brazlândia, Águas Claras e Riacho Fundo, temos um bom trecho desses plantios. Juntamos todas essas áreas e recentemente lançamos um edital para a manutenção desses plantios, com o objetivo de garantir que, quando sairmos dessas áreas, as mudas já estejam fortes e aptas a se desenvolver. A problemática das espécies invasoras é real. Eu mesma estive lá realizando a vistoria dos plantios quando fomos elaborar o edital para acompanhamento. Haverá manutenção e, para isso, prevemos plantio e semeadura nos locais. O melhor caminho para erradicar essas espécies invasoras é ocupando o espaço que elas estão deixando. Quanto às áreas queimadas, em relação às áreas sob responsabilidade do IBRAM, estamos realizando ações de plantio. Por exemplo, no Guará, no "Dia de Plantar", que aconteceu em 01/12/2024, destinamos recursos para realizar o plantio. Trata-se de uma área que todo ano é afetada por queimadas e está repleta de espécies exóticas, o que gera um grande acúmulo de biomassa, contribuindo para incêndios de grandes proporções. Se fosse uma área preservada com cerrado nativo, não sofreria tanto devido à sua resiliência, recuperação natural e menor acúmulo de biomassa proveniente das espécies exóticas. A iniciativa do "Dia de Plantar" é uma medida provisória e emergencial para a recuperação de algumas das áreas queimadas. No momento, não existe um projeto mais robusto de recuperação dessas áreas, mas é algo que reconhecemos como essencial. Combater o fogo é importante, mas a recuperação dessas áreas também é fundamental. Caroline - (Vice-presidente uma das idealizadores do Instituto Cafuringa): É uma pena que as pessoas que estiveram nas mesas anteriores não estejam aqui durante a plenária, porque é essencial que elas realmente ouçam quem está falando agora. A sensação que dá é que, embora eles saibam do que estão falando, quem está na "ponta" percebe que ainda não entenderam que o brigadista é o ponto central no manejo do fogo. Todas as tecnologias surgem depois da vida do brigadista, pois são os brigadistas que manuseiam essas tecnologias. Quero agradecer a todos os brigadistas federais e distritais. Eu não sou brigadista federal nem distrital, sou voluntária, mas estamos todos nessa missão e sabemos que os brigadistas federais e distritais chegam antes. Talvez, seja somente quando vocês não estão presentes que nossa ajuda se torne mais necessária. Então, muito obrigada a todos, porque vocês também atuam como voluntários de algum modo. Vocês não são suficientemente remunerados nem recebem o respaldo necessário, e muito do trabalho que realizam é por amor e voluntariado. Agradeço imensamente por isso. O Instituto Cafuringa trabalha com três frentes principais: o Manejo Integrado do Fogo, a Cultura como ferramenta de educação ambiental e a educação ambiental em si. Dentro disso, quero sugerir uma conversa com a Carol (Carolina Schubart). Primeiramente, quero agradecer todo o apoio que você sempre nos deu. Você, representando a SEMA, tem sido a pessoa mais presente e com quem sempre podemos contar. Agradeço muito! Temos feito algumas formações através de vocês e isso é uma prioridade para o Instituto Cafuringa. Inclusive, gostaria de destacar para os representantes do IBRAM e do ICMBIO a importância de implementarem e colocarem os brigadistas para fazer muitos cursos. Há uma atualização necessária, e o brigadista precisa estar bem formado. Estamos falando de mudanças climáticas. Como podemos tratar de mudanças climáticas sem que todos os brigadistas tenham, pelo menos, um curso de SCI intermediário? Acho que podemos colocar isso como uma prioridade, não apenas o curso de 40 horas, mas também o de SCI. O Corpo de Bombeiros trouxe aqui a experiência de mobilizar 600 pessoas, mas não é eficaz se não estamos preparados. Precisamos nos preparar, pois o clima não vai esperar que os gestores entendam essa demanda. Essa demanda já existe. Agora, passando para as perguntas, gostaria de pautar que, na minha ótica, a prioridade absoluta neste momento é garantir EPI para todos os brigadistas e a técnica de MIF. O Instituto Cafuringa trabalha com a premissa de que o brigadista só deve ir para o fogo quando tiver o curso e o material necessário. Não trabalhamos com material ideal, mas o que é minimamente suficiente para garantir a segurança. Não pode estar rasgado, não pode estar velho, e a bota não pode estar descolando. Sei que muitos brigadistas, tanto do ICMBio, quanto do Prevfogo e do IBAMA, e especialmente do IBRAM, ainda não têm os equipamentos adequados. Já falaram sobre isso, mas é importante reforçar, pois realmente estamos colocando nossas vidas em risco. E vocês sabem disso. O Instituto Cafuringa surgiu após um acidente, quando não tínhamos o EPI necessário nem a técnica apropriada. Meu companheiro quase morreu, teve 60% do corpo queimado e ficou 60 dias internado. Sabemos que, na linha de frente, vocês assumem a responsabilidade por essas vidas, e entendemos a preocupação de vocês. Gostaria de perguntar ao Corpo de Bombeiros sobre a atualização da Lei 9.605, de 30 de julho, que, se não me engano, coloca o Corpo de Bombeiros responsável pelas brigadas voluntárias de alguma forma. Existe alguma interação, a partir dessa lei, entre o CBMDF e as brigadas voluntárias? Queria saber o que estão pensando sobre isso e como estão abordando isso internamente. Sei que é algo novo, mas gostaria de

entender como estão se organizando. Também gostaria de saber mais sobre o cronograma de atividades do GPRAM. Notei que a programação vai de dezembro a abril, conforme apresentado. Gostaria de entender como o Manejo Integrado do Fogo está sendo trabalhado dentro desse cronograma e como o grupo pretende integrar as interações com outras agências, como voluntários, ICMBio, IBAMA e PrevFogo. Como podemos melhorar nossa comunicação para otimizar os recursos? Temos recursos suficientes, mas a gestão é um pouco confusa. Precisamos melhorar a administração coletiva. Por exemplo, no incêndio recente no Parque Nacional, 600 pessoas estavam mobilizadas, mas, ao mesmo tempo, a Rebio da Contagem, uma área prioritária, estava queimando com apenas um Esquadrão do Corpo de Bombeiros e o Esquadrão Coringa. Não nos demos conta do incêndio, e a área foi quase completamente perdida. Isso evidencia novamente a nossa falta de comunicação. Gostaria de saber o que vocês estão pensando sobre isso. Capitão Ítalo Sanglard - (Subcomandante do GPRAM e representante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal no SDPCIF): Sobre a questão da regulamentação das brigadas, sou Subcomandante do GPRAM, então talvez o Comandante Operacional, que precisou se ausentar agora, saiba mais a respeito. No nível do GPRAM, ainda não há uma discussão clara sobre como será a interação entre o GPRAM e as Brigadas. O que posso compartilhar sobre a interação entre o Corpo de Bombeiros, IBRAM, IBAMA e ICMBio é que, com a última grande ocorrência no PNB, ficou evidente que o problema não está apenas na relação entre bombeiros e brigadistas, mas na organização da ocorrência. E a chave disso é o que você mencionou: o SCI. Tenho o curso de SCI dos bombeiros e também o curso de gestão de crise oferecido pelos bombeiros da França, e acredito que é crucial que todos falem a mesma língua e tenham a mesma capacitação. Para a operação do ano que vem, já foi estabelecido no Briefing deste ano do GPRAM que todos os oficiais, equivalentes aos supervisores das brigadas, precisam compreender que devemos reformular nosso plano de acionamento do SCI. Já agendamos uma reunião para o final de janeiro até o início de fevereiro do ano que vem, para modelar um acionamento de SCI que envolva todos os envolvidos de forma clara. Este ano, muitas vezes, encontramos boa interação entre nós, como o Diego, o Crisóstomo e eu, que já estamos acostumados a nos encontrar nas ocorrências. Porém, precisamos formalizar essa interação, o que implica em treinamento para que todos saibam o que fazer. O plano precisa ser claro para que todos saibam que, na hora de definir estratégias, todos serão responsáveis. Brigadistas e bombeiros devem executar as ações juntos, sempre com o objetivo de alcançar os melhores resultados. O objetivo, provavelmente, precisa ser determinado por quem conhece bem as regiões mais sensíveis. Recentemente, conversamos com a gestora do PNB, a Larissa, que conhece as regiões mais sensíveis do parque. Você mencionou o Manejo Integrado do Fogo e o Corpo de Bombeiros. Embora não sejamos responsáveis por nenhuma das APAs, atuamos em todas. O Manoel do PND sugeriu que fizessemos uma reunião este ano, e também no ano que vem, para planejar a ação de forma conjunta. Aceitamos na hora, pois sabemos que, na prática, todos atuam juntos quando necessário. Quanto ao SCI, tentamos auxiliar com os cursos sempre que solicitado. Como você mencionou, das 600 pessoas mobilizadas no parque, nem todas tinham o mesmo nível de conhecimento em SCI. Todo bombeiro do CBMDF tem conhecimento básico sobre SCI, mas nem todos possuem o curso de especialista, com níveis como 2, 3, 4, ou 300, 400, etc. Precisamos alinhar isso, em minha visão. Como Subcomandante do GPRAM, gostaria de enfatizar a importância de treinar todas as pessoas envolvidas na gestão de equipes, como supervisores, chefes de brigada e chefes de equipe. Quem está na ponta, com a responsabilidade de cinco vidas sob sua supervisão, sabe a gravidade dessa tarefa. A minha intenção no GPRAM é melhorar essa área. Com certeza, vamos agendar mais reuniões. Assim como o Coronel Daniel Saraiva, comandante do GPRAM, fez uma reunião de alinhamento com vários de vocês, queremos realizar uma antes da próxima temporada e retomar os pontos discutidos, como o conhecimento sobre quem é quem nas ocorrências. É importante saber com quem falar quando chegar a uma ocorrência, como o Crisóstomo, por exemplo, quando precisar de um contrafogo. Isso ficou claro na reunião sobre um incidente que tivemos este ano, que envolveu um acidente com bombeiros, brigadistas e até falecimentos de outros brigadistas em todo o país. Nossa intenção é melhorar a atuação conjunta no GPRAM, e posso afirmar que estamos comprometidos em melhorar a questão tática. As pessoas responsáveis pela definição das táticas na hora de entrar no fogo serão chamadas para colaborar. Se o Corpo de Bombeiros der o treinamento, as brigadas voluntárias serão com certeza convidadas, assim como todos os envolvidos nesse tipo de atuação. A partir de maio, vários órgãos, não apenas os que fazem parte do SDPCIF, como a Polícia Civil, também podem solicitar a realização de linhas de aceiro, planos de prevenção e até queimas prescritas. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Vou responder também às questões levantadas pela Carol, de forma geral, sobre o funcionamento do Sistema Distrital de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais. Como mencionei no final da minha

apresentação, um dos nossos maiores desafios é, de facto, a comunicação durante o combate aos incêndios. Essa é uma lacuna significativa, especialmente quando se trata da comunicação no campo. Houve inúmeros casos em que, enquanto os bombeiros estavam realizando uma ação, os brigadistas já estavam executando outra, e por pouco não ocorreram acidentes. Portanto, é algo que realmente precisamos melhorar e avançar. Érisom Vieira Cassimiro - (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Quanto aos EPIs, nós não realizamos a contratação dos brigadistas sem que eles tenham os equipamentos necessários. Pode acontecer de faltar algum equipamento, mas isso não é por falta de compra, e sim por atraso no fornecimento, ou seja, o EPI já pago que ainda não chegou. No ano passado, adotamos um modelo de compra em que os órgãos enviam suas necessidades para o setor de compras, que então encaminha à central de compras do GDF para que a aquisição seja realizada. No entanto, tivemos um problema sério, pois o fornecedor que ganhou a licitação entregou equipamentos de baixa qualidade. Diante disso, temos duas opções: ou suspendemos a contratação e ficamos sem brigadistas, ou mantemos os equipamentos que temos e fazemos a substituição à medida da necessidade. O problema foi esse. Por isso, não concordo em tratar a compra de EPIs como uma ação, pois isso é uma obrigação. Não pode existir uma contratação sem os EPIs adequados. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Acho que a questão da qualidade e da entrega pontual dos equipamentos é realmente válida. Outra ação para 2025 seria focar mais na capacitação das brigadas, especialmente com a oferta do curso de SCI. Desde 2019, oferecemos esse curso em parceria com o Corpo de Bombeiros, geralmente realizando duas turmas: uma para o curso básico e outra para o intermediário. Este ano, já me disseram que o curso de SCI básico não tem gerado tanto interesse, pois a maioria dos brigadistas já possui o curso intermediário. O Tenente Anderson, do Corpo de Bombeiros, informou no último curso, realizado há duas semanas, que a intenção é deixar de oferecer o básico, já que o curso intermediário abrange o conteúdo introdutório do curso básico. Portanto, a ideia para o próximo ano é oferecer duas turmas do curso intermediário de SCI e, se possível, incluir um curso de SCI avançado por intermédio do Tenente Anderson. Capitão Ítalo Sanglard - (Subcomandante do GPRAM e representante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal no SDPCIF): Sinto falta de termos um mapa único para todos os envolvidos nas ações, para que possamos conversar e definir onde cada equipe está. Isso seria muito mais simples do que depender de GPS, até porque quem já esteve em um incêndio sabe que, quando o celular está no bolso, ele pode desligar devido ao calor extremo do ambiente. Acredito que temos algumas questões técnicas que precisam ser discutidas. Uma das propostas que gostaria de colocar é, e me coloco totalmente à disposição como voluntário para ajudar a levar isso adiante, a criação de um produto de georreferenciamento único. Esse produto poderia ser distribuído para todos os envolvidos nas ações, sejam brigadas voluntárias, brigadas de outras APAs ou o Corpo de Bombeiros. Assim, todos chegariam ao local e, ao conversar com o Diego Miranda, por exemplo, poderíamos abrir o mesmo mapa no celular. Cada um poderia então identificar, por exemplo, a área prioritária do Jardim Botânico, decidir qual área seria responsável por qual missão e seguir com a tarefa de forma coordenada. Érisom Vieira Cassimiro - (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Ok, então, sobre os cursos, gostaria de fazer um comentário que considero relevante: não podemos esquecer que nossa prioridade deve ser a prevenção, antes de tudo, e depois o combate. Infelizmente, nossa contratação está mais voltada para o combate, o que acaba limitando o foco na prevenção. A minha pergunta é: onde podemos encaixar os cursos? Começamos a oferta dos cursos em outubro e, desde então, realizamos quatro: o de SCI, o de motosserra, o de fauna e a Oficina de Educação Ambiental. Quatro cursos. Agora, imagine se tivéssemos começado em agosto ou setembro. Nesse caso, ou faríamos os cursos, ou estaríamos focados no combate. Portanto, é fundamental que cada profissional busque seu aprimoramento e aperfeiçoamento, e faremos o possível para oferecer as condições necessárias dentro das nossas possibilidades. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): O que o Érisom mencionou é muito importante, e é justamente por isso que temos essa necessidade urgente — que deveria ter sido atendida antes — de termos um contrato anual para brigadistas. Se estamos falando de prevenção, que é nossa prioridade, não temos técnicos suficientes para executar essas ações preventivas. Por isso, realizamos muitos cursos de capacitação, especialmente no início do ano. Tanto que, na maioria das vezes, incluo todos, incluindo vocês, Carol, para participar das turmas, mesmo que não estejam no contrato. Nesse caso, vocês entram como voluntários. No entanto, durante o período de combate, não podemos mais falar sobre capacitação, porque os cursos de capacitação começam justamente em março, abril e maio, e nesse período vocês não estão no contrato. Mesmo assim, buscamos alternativas, como a possibilidade de realizar os cursos de forma voluntária, e ainda assim inscrevemos vocês. A ideia é que já trouxemos quatro

ações novas para 2025 e vamos continuar com elas. Então, podemos seguir com a discussão no plenário, pois já respondemos a essa parte. Raquel Noronha - (Brigadista do Ibram - Líder do Esquadrão da Boca da Mata): Boa tarde a todos. Minha pergunta é direcionada ao IBRAM, que é o órgão responsável pela gestão das Unidades de Conservação no Distrito Federal. Gostaria de saber se existe algum plano de ação para integrar as brigadas voluntárias, pois, neste ano, vivenciei na prática a falta de integração entre as brigadas voluntárias, o Corpo de Bombeiros e o próprio IBRAM. Além disso, tenho outra questão: por que as brigadas voluntárias não fazem parte do processo de reflorestamento? Peço desculpas pelo termo, mas durante os incêndios, somos considerados heróis, enquanto, na hora do reflorestamento, equipes fechadas assumem essa responsabilidade. Quando solicitei uma oportunidade, fui informada de que, se eu quisesse ser voluntária, poderia participar pelo parque, mas o voluntariado, por si só, é algo acessível — tanto que já atuo como voluntária em diversas áreas, não apenas ambientais. Dessa forma, gostaria de entender por que não há essa integração entre as brigadas voluntárias do DF, o IBRAM e outros órgãos, além de compreender o motivo pelo qual os brigadistas florestais não são priorizados no reflorestamento do DF. Obrigada! Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Raquel, aqui, realmente, nosso foco é trabalhar para organizar as coisas e melhorar o que for necessário. Agora, vou passar a palavra para o meu colega do IBRAM. Érisom Vieira Cassimiro - (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Em relação à brigada voluntária, o IBRAM está trabalhando em uma Instrução Normativa (IN) para formalizar e estruturar melhor essa questão do voluntariado. O processo está em andamento. Quanto ao replantio e ao grande movimento de plantio que está acontecendo, o IBRAM não está participando devido a um decreto do Governo do Distrito Federal. Não é minha área específica, então não lembro exatamente qual decreto, mas ele regulamenta a questão do plantio. Os brigadistas de anos anteriores sabem que, tradicionalmente, durante o período chuvoso, participamos dos plantios, auxiliando na abertura de berços e no plantio em si. No entanto, este ano, essa participação não ocorreu por conta deste decreto. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Pietro, eu vou pedir para você esclarecer essa questão sobre o decreto, já que você tem maior conhecimento sobre o tema. Pietro - (Secretaria de Meio Ambiente - Engenheiro Florestal): O decreto se aplica a toda a população, não sendo algo específico. Quanto à participação nos plantios, atualmente estamos contratando Organizações da Sociedade Civil (OSCs) para essa atividade. Acho muito válida essa possibilidade, pois vocês estão diretamente na área, conhecem o território e sabem exatamente quais locais foram afetados pelas queimadas. Essa questão pode ser levada para a Marcela, que é a superintendente das unidades de conservação, já que o Érisom não está envolvido nessa parte dos plantios. É uma consideração importante e compartilho do mesmo pensamento. Foi ótimo você trazer essa questão neste momento. No entanto, como seguimos o decreto vigente e costumamos contratar OSCs, a inclusão das brigadas exigiria uma formalização. Para que isso aconteça oficialmente, primeiro precisaríamos resolver a questão dos contratos, garantindo que vocês fossem contratados ao longo de todo o período chuvoso. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Acho que é isso. O grande desafio para incluir as brigadas nessas ações preventivas e também no plantio está, principalmente, na questão da contratação. Atualmente, vocês são chamados apenas para o período de combate, o que acaba dificultando a participação em ações de recuperação de áreas, estudos e plantio. Alguém mais tem algum questionamento? Valdeir - Caesb: Estou aqui representando a CAESB, mas como o tema do voluntariado foi mencionado, gostaria de compartilhar um pouco da minha experiência com vocês, especialmente com o pessoal da APA da Cafuringa, Mocinha, Caroline, e todos os envolvidos. Sou originário da ONG Patrulha Ecológica, que começou a atuar em Brasília na década de 1980, e temos uma experiência consolidada com voluntariado. Quero trazer essa questão à reflexão, especialmente para os gestores. Existe uma Lei Federal do Voluntariado que define todas as diretrizes desse tipo de trabalho, incluindo carga horária e questões relacionadas a seguros. Uma das principais experiências que tive nesse sentido foi como conselheiro ecológico do Parque Nacional de Brasília, onde atuamos como voluntários há muitos anos. De acordo com essa lei, há um termo de adesão ao voluntariado, que determina que qualquer pessoa só pode atuar em unidades federais após assiná-lo. Isso é fundamental, pois, em caso de qualquer incidente, o termo protege tanto a instituição quanto os voluntários envolvidos. Recomendo que vocês pesquisem essa lei, pois acredito que o IBRAM poderia seguir o mesmo caminho, garantindo que esses termos sejam assinados antes do início das atividades voluntárias, assegurando que tudo ocorra dentro da legalidade. Obrigado! Lila - Brigadista Voluntária: Boa tarde! Meu nome é Lila, sou brigadista voluntária da Brigada Voluntária Canela de Ema. Tenho várias perguntas, começando pelo IBRAM: Atualmente, temos 83 unidades de

conservação no DF. Dentre elas: • Quantas possuem a poligonal definida? • Quantas têm o Plano de Manejo Integrado do Fogo? • Quantas contam com brigadistas alocados e qual é a média de brigadistas por unidade de conservação? • Quantas dessas unidades adotaram medidas preventivas contra incêndios neste ano? Além disso, gostaria de entender melhor a destinação dos esforços da SEMA. A maior parte está voltada para o programa Tempo de Plantar? Se for esse o caso, gostaria de ressaltar que a melhor forma de restaurar o Cerrado não é simplesmente plantando mudas. Como já foi mencionado, é essencial considerar a regeneração de herbáceas e capins. Particularmente, não vejo um programa estruturado da SEMA para a restauração de áreas degradadas ou invadidas por espécies exóticas. Isso poderia ser feito de forma mais eficiente com a participação dos brigadistas, já que se trata de um trabalho pesado. Se o plano de restauração da SEMA se resume ao plantio de árvores no primeiro dia de dezembro, considero que, como programa de governo, ele ainda é bastante fraco. Por fim, sobre a Operação Verde Vivo: • A fase 1 é voltada para prevenção e treinamento de pessoal, certo? Além do treinamento, que outras atividades preventivas são realizadas? • Como o Corpo de Bombeiros está inserido no manejo do fogo, além da atuação direta no combate? • Há participação ativa em outras ações relacionadas ao manejo integrado do fogo, como educação ambiental? Sei que vocês realizam esse trabalho eventualmente quando acionados, mas isso faz parte das atribuições regulares do Corpo de Bombeiros? Gostaria de entender melhor essa questão. Obrigada! Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Vou iniciar com o Érisom, do IBRAM, para responder aos primeiros questionamentos sobre as unidades de conservação. Ele irá esclarecer quais unidades possuem poligonais definidas, quais têm planos de manejo e onde as brigadas estão alocadas dentro dessas áreas. Caso eu tenha esquecido de mencionar algo, fiquem à vontade para complementar. Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Eu posso te responder, mas não é exatamente a minha área. Além disso, nem todas as áreas estão com as poligonais definidas. Parece que você perguntou algo sobre o plano, mas eu não posso te dizer quantas estão com plano de manejo pronto. Mas existe uma diretoria na nossa Superintendência que cuida especificamente do plano de manejo e das poligonais. Então, realmente, poucas áreas estão definidas até agora, mas há um programa de trabalho em andamento para aumentar esse número. Quanto à brigada, você perguntou como é feita a distribuição dela? Lila - Brigadista Voluntária: Eu perguntei quantas unidades de conservação têm brigada, porque imagino que nem todas as unidades devem ter uma brigada alocada, certo? E qual é a média de brigadistas por unidade de conservação? Se temos 86 unidades de conservação e 150 brigadistas, qual seria a média de brigadistas por unidade? Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Não posso te dar uma média exata, mas na minha apresentação há mais detalhes sobre a quantidade e os critérios que utilizamos para distribuir os brigadistas. A divisão é feita com base nos dados do Promac, levando em consideração a quantidade de ocorrências de incêndios em cada unidade, sua localização estratégica, o número de registros de incêndios florestais e a importância ambiental da área. Por exemplo, a ESECAE possui pouco mais de 10 mil hectares e conta com 11 brigadistas combatentes diariamente, além de dois chefes e um supervisor. Esses profissionais não atendem apenas a ESECAE, mas também a região de Planaltina, incluindo o Parque Retirinho, o Parque Sucupira, o IFB e o Pequizeiro, que é uma unidade ambientalmente relevante, mas sem brigadistas fixos devido à falta de estrutura adequada. Os brigadistas precisam de condições mínimas de trabalho, e, atualmente, a estrutura disponível é bastante precária. Muitas vezes, eles compartilham espaço com os agentes de parque ou vigilantes, mas estamos trabalhando para melhorar essa situação. Além disso, há pontos de apoio onde são alocados dois ou três brigadistas. No Parque Olhos D'Água, por exemplo, há dois brigadistas, assim como no Parque da Asa Sul. Esses profissionais atendem à demanda mínima do parque, mas são posicionados estrategicamente para que, em caso de um incêndio maior, possam ser acionados pelo supervisor e deslocados para outras áreas. Os brigadistas estão distribuídos por todo o Distrito Federal, abrangendo regiões como Gama, Brazlândia, Planaltina, Sobradinho, Riacho Fundo, Parque Três Meninos, Lago Norte e Asa Norte. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): O que acontece é que nós, como técnicos, estamos diretamente envolvidos com a pauta de incêndios florestais, o que gera muitas demandas. Acho bastante pertinente a questão das unidades de conservação, especialmente aquelas que possuem um plano de manejo instituído e poligonais definidas. Afinal, sem esse básico – que é exatamente o que você está apontando – como podemos estruturar ações eficazes de prevenção de incêndios? Se uma unidade sequer tem sua delimitação formalizada, torna-se ainda mais difícil planejar medidas preventivas. Infelizmente, essa responsabilidade cabe a outra unidade, o que acaba gerando desafios adicionais. Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da

Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Só uma observação que considero importante: quando falamos em poligonal definida, estamos nos referindo àquela devidamente registrada em cartório, averbada e formalizada. No entanto, é importante destacar que todos os parques possuem limites conhecidos, e nosso trabalho é baseado nesses limites. Não é que estejam completamente sem poligonal, mas sim que, em alguns casos, a formalização ainda não foi concluída. Diego Miranda (Gerente - JBB): Acho importante me contextualizar: sou brigadista e atualmente exerço a função de gerente. Trabalho com prevenção e combate a incêndios florestais desde 2003, tendo passado por diversas funções e ocupações ao longo da minha trajetória. Ou seja, conheço bem a realidade da linha de frente. Embora hoje esteja aqui, sei exatamente o que é estar na ponta, pois amo o que faço e eu também represento a categoria dos brigadistas. Além disso, quero destacar a importância da qualificação básica para atuar na prevenção e no combate a incêndios. Para isso, é essencial que a pessoa possua o certificado de brigadista florestal. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Ótima colocação, Miranda! Obrigada! Vou passar agora para o Pietro, que está mais à frente nessa questão do plantio. Pietro - (Secretaria de Meio Ambiente - Engenheiro Florestal): Lila, né? O grupo já realizava plantios há muitos anos, de forma voluntária, principalmente em áreas urbanas. O problema é que, por fazerem isso sem coordenação com os órgãos responsáveis, começaram a enfrentar dificuldades, especialmente com a Novacap, pois há locais específicos e regulamentados para esse tipo de atividade. Diante disso, eles passaram a se articular, participaram mais ativamente das discussões governamentais, fizeram contatos e ganharam certa influência. Como resultado, o governador decretou o "Dia de Plantar", e foi criada uma comissão na SEMA, que trabalha ao longo do ano com eles, a Novacap e o IBRAM para organizar esse evento. No entanto, o plantio realizado por esse grupo não tem como foco a recuperação ambiental. Eles mesmos definem sua iniciativa como um plantio de árvores, sem um direcionamento específico para a restauração ecológica. Por isso, essa ação não é nossa prioridade. Nosso objetivo principal é a recuperação do Cerrado, inclusive em áreas degradadas. Muitas vezes, em ambientes naturais, a regeneração pode ocorrer de forma mais eficiente ao permitir que o solo e as raízes tragam a vegetação de volta, sem a necessidade de plantio de mudas. Com esse grupo em específico, trabalhamos no plantio de espécies nativas do Cerrado, geralmente em áreas urbanas ou parques próximos. Eles também têm uma forte reivindicação para plantar nas Regiões Administrativas onde moram, como em avenidas e espaços próximos às suas casas. Nada impede, porém, que existam outros movimentos voltados para a recuperação ecológica de fato, e podemos dialogar com eles conforme necessário. Obrigado! Capitão Ítalo Sanglard - (Subcomandante do GPRAM e representante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal no SDPCIF): Nós realizamos cursos ao longo de todo o ano. O principal deles é o Curso de Combate a Incêndios Florestais, oferecido pelo Corpo de Bombeiros. Trata-se de um curso extenso e desafiador, com um foco maior na formação militar. Por isso, recebemos não apenas bombeiros, mas também militares das Forças Armadas, incluindo a Aeronáutica, que possui uma base com uma divisão de prevenção a incêndios florestais. Além desse curso, também ministramos treinamentos a pedido da Secretaria do Meio Ambiente. Um exemplo é o curso SCI, no qual atuamos como instrutores. No entanto, nossa atuação não se limita a esses cursos; participamos também de capacitações promovidas pela SEMA. No ano passado, por exemplo, tivemos o curso de motobomba, ministrado pela US Forest Service, e o curso de corte de árvores, do qual participei. Embora não sejamos os principais responsáveis pelo planejamento de algumas dessas ações, buscamos sempre estar envolvidos em todas as etapas. Educação Ambiental Todas as iniciativas da Secretaria do Meio Ambiente voltadas para educação ambiental contam com nossa participação. Em ações como blitz ambientais, enviamos bombeiros para dar suporte. Também realizamos exposições de materiais em diversos eventos, seja por solicitação externa ou por iniciativa própria. Além disso, promovemos visitas a escolas desde o início do nosso trabalho com os bombeiros. No GEPAR, por exemplo, recebemos escolas para palestras e atividades com as crianças, reforçando nosso compromisso com a prevenção ambiental. Manejo Integrado do Fogo O CBMDF não tem tutela sobre áreas florestais, mas frequentemente recebe planos de manejo, como acontece com o Jardim Botânico, que nos mantém informados sobre suas estratégias. Quando órgãos enfrentam dificuldades por falta de pessoal ou brigadistas suficientes, prestamos apoio com recursos humanos, que é uma das nossas maiores forças. Operações e Recursos A fase de prevenção inclui também a preparação para a operação. Durante o período crítico, cerca de 40% do efetivo do Corpo de Bombeiros é mobilizado, o que demanda uma grande logística. Isso envolve viaturas, materiais, manutenção de equipamentos, aquisição de EPIs e diversas outras etapas que precisam ser organizadas antecipadamente para garantir o sucesso das operações. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais

CPCIF - SEMA-DF): Lila, outra questão importante é que, desde o ano passado, o Corpo de Bombeiros assumiu toda a parte de capacitação voltada para o primeiro combate a incêndios, incluindo a instrução, a doação de abafadores e até o treinamento para a confecção desses equipamentos. Isso permite que a própria comunidade rural aprenda a produzir seus abafadores de forma autônoma. Essas capacitações voltadas para a área rural são ministradas pelo Corpo de Bombeiros no início do ano, a pedido da Emater, conforme apresentei nos dados de prevenção. Durante as primeiras fases da Operação Verde Vivo, o Corpo de Bombeiros é responsável pela maioria dos cursos, tanto para nós quanto para a população rural. No caso específico da zona rural, são eles os únicos responsáveis por essas capacitações. Marcelo Gurgel - (Brigadista fora de contrato): Boa tarde! Sobre a quantidade de 150 brigadistas para cobrir todo o DF, seria interessante saber o posicionamento do IBRAM sobre isso. Se esse número é considerado satisfatório ou se há a necessidade de ampliação do efetivo. Além disso, caso haja um aumento na quantidade de brigadistas, existe alguma previsão para a ampliação das vagas? E quanto à duração do contrato, há alguma perspectiva de extensão do período de atuação? Outro ponto importante é a questão dos cursos. Na época em que fui brigadista, percebi que a maioria dos cursos eram oferecidos apenas para os cargos de chefia. O brigadista de linha de frente raramente tinha acesso a essas capacitações. Além disso, havia a justificativa de que os cursos eram repassados aos chefes para que eles pudessem replicá-los para os brigadistas, o que, na prática, quase nunca acontecia. Isso nos deixa sem acesso a treinamentos essenciais. Gostaria de saber se há alguma mudança prevista para garantir que os brigadistas tenham mais oportunidades de capacitação. Carolina Schubart - (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Marcelo, vou responder sobre os cursos e depois passo para o IBRAM, para que o Erisom possa responder à outra questão. Em relação aos cursos oferecidos pela Secretaria de Meio Ambiente, o que acontece é que nós coordenamos o Sistema Distrital de Prevenção e Combate, mas não temos gestão direta sobre a brigada. Nosso papel é disponibilizar as vagas e, geralmente, o Brasília Ambiental recebe a maior quantidade delas. A partir disso, cabe ao gestor do órgão ou ao representante enviar a lista de indicados para participar dos cursos. Pelo que sei, os cursos que oferecemos abrangem todas as categorias, desde brigadistas até supervisores, incluindo chefes de esquadrão e chefes de brigada. Como disponibilizamos um número considerável de vagas, geralmente conseguimos formar duas turmas por curso, o que significa cerca de 60 pessoas treinadas por capacitação. O curso do SCI, por exemplo, costuma ser o mais disputado. Recentemente, também realizamos uma turma do SCI intermediário, que tem uma carga horária de 40 horas. Conseguimos fechar uma turma com quase 40 pessoas, mesmo com a alta demanda, já que sempre tentamos acomodar o máximo de interessados dentro do limite da turma para garantir a efetividade da formação. Portanto, dentro das capacitações que promovemos, não existe essa restrição de cursos apenas para a chefia, nem a exigência de que os chefes repliquem o conteúdo para os brigadistas. As vagas são disponibilizadas para todas as categorias, e buscamos atender da melhor forma possível. Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Marcelo, sua pergunta é muito pertinente e, com certeza, é uma dúvida de muitos outros brigadistas. Durante o programa e o contrato, esse questionamento aparece com frequência, e como gestores, nós entendemos essa preocupação. Particularmente, eu gostaria que 100% dos profissionais tivessem acesso aos cursos, porque um brigadista bem preparado e capacitado facilita muito o nosso trabalho. No entanto, infelizmente, não temos como ofertar vagas para todos. Por essa razão, adotamos o critério de capacitar primeiramente as lideranças. O supervisor e o chefe têm, entre suas atribuições contratuais, a responsabilidade de repassar conhecimento e dar treinamentos. Para isso, eles precisam estar devidamente capacitados. Esse é o primeiro nível de pensamento nessa seleção. No segundo nível, a prioridade é garantir que todos os supervisores e chefes tenham acesso às capacitações mais relevantes. Por exemplo, no caso dos cursos do SCI e de motosserra, sempre perguntamos se há algum supervisor ou chefe que ainda não fez o treinamento para dar preferência a eles. No entanto, isso não significa que brigadistas de linha de frente ficam sem oportunidades. Hoje, por exemplo, no curso de SCI, tivemos vários brigadistas participando, mesmo sem serem supervisores ou chefes. No curso de motosserra, que tinha um limite inicial de 25 vagas, conseguimos encaixar 35 participantes, incluindo muitos brigadistas. Então, Marcelo, esse critério existe, mas não com a intenção de prejudicar ou impedir os brigadistas de participarem. Nosso objetivo é capacitar o máximo de pessoas possível dentro das limitações de vagas disponíveis. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Entendi que, quando a SEMA disponibiliza as vagas para o IBRAM, é utilizado um critério de seleção para indicar quem irá participar do curso, correto? Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Eu

diria que é um critério meu, não especificamente do IBRAM. Se, por exemplo, o Luciano estivesse no meu lugar me substituindo, ele poderia adotar outro critério. Então, na verdade, é um critério pessoal meu. Diego Miranda Boa tarde, Marcelo! Como você destacou, eu também passei por todas as etapas, começando das posições mais básicas até alcançar cargos superiores. Minha prioridade sempre foi justamente capacitar aqueles que estão na linha de frente, para que possamos ter uma unidade de conhecimento única. Acredito que, se conseguirmos evoluir e investir nas pessoas, podemos atingir um nível mais alto, pois tudo está diretamente ligado ao conhecimento e à capacitação. Posso pedir para o Mateus ou o João Vitor, que não fazem parte da minha equipe, relatar o número de cursos que fizeram durante o período em que foram brigadistas? Caso queiram, eles podem compartilhar os cursos que fizeram com o Tiago. A minha perspectiva é essa: dar capacitação para todos, para que todos tenham o mesmo nível de conhecimento e possam evoluir juntos. Acredito muito nesse processo. A maioria dos cursos são oferecidos em parceria com o PPCIF, e conseguimos o apoio do serviço florestal norteamericano. Como o Erisom mencionou, as pessoas indicadas pelo IBRAM foram todas brigadistas, sem nenhum supervisor. Isso mostra que o critério de seleção também é interessante, pois a capacitação é oferecida de acordo com o grau de merecimento do brigadista. A dedicação é um fator importante para que a pessoa tenha acesso a essas oportunidades, e também é necessário entender o ônus dessa dedicação. Eu realmente acredito nesse modelo de capacitação e no impacto que ele pode gerar. Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Além do critério que o Miranda acabou de mencionar, cada curso tem uma destinação um pouco diferente. Por exemplo, temos um curso chamado "Gestão de Brigada", mas este ano não temos condições de oferecê-lo. Quem vocês acham que seria mais adequado para participar de um curso de gestão de brigada? Primeiramente, são aqueles que fazem a gestão direta da brigada, ou seja, os chefes e supervisores. Caso haja vagas disponíveis, podemos incluir brigadistas também, já que, um dia, eles poderão ocupar essas funções de liderança. No caso do Miranda, ele tem quatro combatentes, então é mais fácil que todos participem dos cursos. No nosso caso, com 150 brigadistas, precisamos adotar um critério um pouco diferente para selecionar quem participará. Capitão Ítalo Sanglard (Subcomandante do GPRAM e representante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal no SDPCIF): Seguindo essa linha, como mencionamos sobre o curso do SCI, o curso de SCI avançado, embora possamos oferecê-lo, tem um foco diferente do intermediário. O avançado é mais voltado para o aprendizado sobre o funcionamento de cada um dos formulários, o que é uma função prioritariamente de gestão. Portanto, realmente há um curso específico para cada nível de atuação, e é importante fazer essa separação ao determinar para quem o curso será oferecido e qual o objetivo do curso. Marcelo Gurgel - (Brigadista fora de contrato): O curso de SCI intermediário, tudo bem, mas o básico, na minha opinião, deveria ser acessível a todos os brigadistas. Cursos como o de Primeiros Socorros e outros conteúdos relevantes para quem está em campo são fundamentais. Eu entendo que há separações, e elas realmente são necessárias, mas, como brigadista, e tendo passado por essa experiência, acredito que há uma grande falta de formação na base. Muitas vezes, entramos em campo após fazer um curso, mas não há uma reciclagem constante, e acabamos esquecendo procedimentos importantes. O trabalho no campo, muitas vezes, acaba sendo diferente do que aprendemos no curso. Então, minha sugestão seria a oferta de cursos separados por nível, mas que todos os brigadistas tivessem acesso a algumas dessas formações, principalmente as mais essenciais. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Eles poderiam até considerar, junto com o Corpo de Bombeiros, a possibilidade de oferecer mais cursos no próximo ano, com turmas voltadas exclusivamente para os brigadistas, assim conseguindo nivelar o conhecimento de todos, né Marcelo? Marcelo Gurgel - (Brigadista fora de contrato): Seria interessante ter um curso básico para todos os brigadistas, independentemente de sua origem, para garantir que todos possuam o mesmo conhecimento essencial. Isso porque, muitas vezes, viemos de diferentes órgãos, e cada um tem uma abordagem e um método de ensino diferente. Outra questão que você mencionou sobre os cursos fora do período de contrato: todos sabemos que é muito difícil conseguir um curso quando estamos fora do contrato. Então, uma sugestão seria que a Secretaria criasse cursos aos quais pudéssemos ter acesso, mesmo já tendo o certificado de brigadista, mas estando fora do contrato. Isso garantiria a continuidade da nossa capacitação. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Sim, mas quando a SEMA oferece os cursos no início do ano, a gente inscreve vocês para participar, porque não temos um corpo técnico suficiente para ministrar os cursos internamente. Esses cursos são voltados para vocês, mas como vocês não estão sob o contrato do IBRAM, acabamos colocando vocês no curso no início do ano como voluntários, pois é a única forma que conseguimos alocar vocês. Então, sempre os inscrevemos como voluntários. Marcelo

Gurgel - (Brigadista fora de contrato): Nesse caso de voluntariado, é necessário estar vinculado a uma brigada voluntária? Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Não é necessário, porque no início do ano fazemos turmas voltadas para o voluntariado de forma geral, sem considerar as instituições vinculadas. Marcelo Gurgel - (Brigadista fora de contrato): E quanto a esse curso, qualquer um de nós teria acesso a ele, certo? E como é feita a divulgação desses cursos? Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Marcelo eu acredito que você participa de algum grupo de brigadista e normalmente a gente usa no grupo de brigadistas aí entre vocês você tem outros grupos é uma é um meio de comunicação Poderoso se você não faz parte de um ainda é bom fazer que aí corre notícia mesmo Marcelo Gurgel - (Brigadista fora de contrato): Mas e no site da SEMA, tem divulgação? Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Tem também, é divulgado também e pode entrar que tá lá, tá bom? Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Ou então, Marcelo, também nos colocamos totalmente à disposição. Já disponibilizei meu telefone, e a maioria das pessoas que tem meu número pode ligar para a gente no início do ano e pedir o cronograma dos cursos, que já estará mais ou menos definido, geralmente para fevereiro. Se preferir, pode ligar para a gente na Secretaria do Meio Ambiente, que já teremos esse cronograma pronto, ok? Mais alguém tem algum questionamento? Ricardo Marques - Brigadista no Parque do Guará Olá, boa tarde a todos. Meu nome é Ricardo Marques, sou brigadista no Parque do Guará e estou no primeiro ano com o IBRAM. Sempre trabalhei pelo ICMBio, e gostaria de falar um pouco sobre os cursos técnicos, como os de manejo e prevenção, além de outros pontos que envolvem nossa realidade como brigadistas no IBRAM. Primeiro, é importante destacar que muitos parques sob a gestão do IBRAM enfrentam dificuldades, como a falta de uma base adequada. Não temos um espaço específico para os brigadistas descansarem ou para fazerem as refeições, o que compromete o bem-estar e a organização do trabalho. Isso é algo que precisa ser revisto, pois um ambiente adequado de descanso é essencial para que possamos desempenhar nossas funções de forma segura e eficiente. Além disso, gostaria de levantar a questão dos combates após as 18h. Existe algum respaldo contratual sobre isso? Por exemplo, se pegamos um foco de incêndio às 8h da noite e ele se estende até as 20h, não recebemos horas extras. Não temos esse tipo de compensação no contrato, e isso é um ponto que precisa ser abordado, pois estamos trabalhando além do horário estipulado sem um retorno financeiro ou contratual correspondente. Outro ponto importante é o atendimento médico em casos de acidente. Quando trabalhava pelo ICMBio, já passei por situações em que, após um incêndio, cheguei em casa às 4h da manhã, sem o suporte necessário. Muitos brigadistas acabam se machucando durante os combates – seja com queimaduras, quedas ou fraturas – mas não temos o acesso a um atendimento médico adequado. Enquanto os servidores do IBRAM têm acesso a planos de saúde, nós, brigadistas, temos que recorrer ao SUS em casos de emergência. É importante também considerar a diferença no tratamento entre os brigadistas e o Corpo de Bombeiros Militar (CBMDF). Enquanto eles são bem equipados e recebem pagamento por combate, nós não temos o mesmo nível de estrutura, de equipamentos e de remuneração. A falta de reconhecimento no que diz respeito ao nosso trabalho e a melhoria das condições de trabalho ainda é uma grande lacuna. Essas são algumas das questões que gostaríamos de ver melhoradas, principalmente no que diz respeito à segurança, condições de trabalho, compensação financeira e apoio médico. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Pessoal, o tempo está bem apertado, então vou passar a palavra para o Erisom para ele responder de forma bem objetiva ao questionamento dele e, em seguida, ele segue para o coffee break. Érisom Vieira Cassimiro (Diretor da Diretoria de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais DPCIF - Instituto Brasília Ambiental): Marques, em relação ao plano de saúde, nenhum servidor do GDF tem plano de saúde, por ser de carreira, e nós também não temos esse benefício. Quem tem é quem paga um plano particular, ou utiliza o plano do INAS, que é do GDF. Portanto, o atendimento para todos nós, inclusive, é feito pelo SUS. Quanto às horas extras, eu também já levantei essa questão. Para o próximo ano, vamos tentar implementar mudanças, pois, como o GDF, não paga hora extra para ninguém, os servidores também não recebem. O que acontece é que fazemos um banco de horas e descontamos essas horas depois, na forma de folga. Para o ano que vem, vamos tentar controlar essas horas de forma mais eficiente. Observamos que, quando começa a temporada de chuvas, período em que liberamos folgas, há dificuldades no controle de horas pelos chefes e supervisores. O que queremos é que essas horas sejam registradas na folha de ponto, para garantir um controle mais adequado e saber exatamente quantas horas extras foram feitas. Assim, se você ficar mais duas ou três horas em um combate, essas horas serão

acumuladas no banco de horas. Carolina Schubart (Coordenadora da Coordenação de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais CPCIF - SEMA-DF): Vamos fazer um intervalo de 15 minutos. O coffee break está servido lá atrás para vocês e retornamos às 16:30. Conclusão do Fórum Foi realizada a elaboração e leitura dos principais pontos dialogados no Fórum que servirão de subsídios à elaboração do programa de trabalho para o ano subsequente, conforme o art. 19 do DECRETO Nº 37.549, DE 15 DE AGOSTO DE 2016. Propostas para 2025 Ações principais priorizadas no Fórum 1- Compra de EPIs com melhoria na quantidade e na qualidade dos equipamentos e entrega em tempo hábil; 2- Descontinuar a turma do curso de SCI básico e abrir mais uma turma do curso de SCI intermediário; 3- Implementar uma turma do curso de SCI avançado; 4- Mais simulados de SCI; 5- Trazer um produto de georreferenciamento unificado; 6- Curso de Georreferenciamento para brigadistas

"Brasília - Patrimônio Cultural da Humanidade"

SEPN 511 - Bloco B - Edifício Bittar III - 1º, 2º e 5º andares - Bairro Asa Norte - Bairro Asa Norte - CEP 70750-542 - DF

Telefone(s):

Sítio - sema.df.gov.br

04039-00001964/2024-83

Doc. SEI/GDF 179573740